

Ideias&

EDITORIAL

O FUTURO DA VIA DUTRA

Nos próximos 30 anos de concessão, desafios são corrigir velhos problemas e impulsionar retomada do crescimento

Aos 70 anos, uma chance de rejuvenescer. Inaugurada em 1951, a Rodovia Presidente Dutra teve sua concessão leiloadada nessa sexta-feira (29). A CCR NovaDutra, que já administra a via desde 1996, venceu a disputa e terá agora mais 30 anos de contrato. Esse novo período, com uma série de investimentos previstos, será fundamental para o desenvolvimento da região e do país.

A rodovia, com mais de 400 quilômetros, é uma verdadeira artéria para o Brasil. Ela conecta os dois estados mais ricos do país, São Paulo e Rio de Janeiro, fazendo com que 50% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro trafegue por suas faixas.

São inegáveis os avanços ocorridos na rodovia nas últimas décadas, principalmente nos últimos 25 anos, período em que esteve sob administração da iniciativa privada. Porém, também são inegáveis os problemas que deixaram de

ser resolvidos nesse período. Afinal, como as soluções não estavam previstas no contrato vigente, a empresa responsável não era obrigada a fazer investimentos extras, e o governo federal também não tinha poder para exigí-los.

Por isso, era fundamental que o novo contrato de concessão da rodovia fosse bem amarrado pela ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres) e pelo Ministério da Infraestrutura. E, felizmente, importantes demandas da região foram atendidas no texto.

Uma delas é a construção de pistas marginais nas cidades do Vale do Paraíba que são cortadas pela rodovia. Isso permitirá retirar da Dutra o trânsito urbano desses municípios. Serão, ao todo, 44 quilômetros de marginais nos trechos entre Lorena e Guaratinguetá, em Taubaté, e entre Caçapava e Jacareí.

A concessão, que também incluirá o trecho da Rodovia Rio-Santos até Ubatuba, terá números superlativos. São exigidos R\$ 14,8 bilhões em investimentos para os 625,8 quilômetros de estrada (somando as duas vias), que receberão melhorias como lâmpadas de LED e câmeras de segurança. Além disso, a proposta vencedora estabeleceu desconto de 15,31% na tarifa de pedágio.

Na teoria, tudo começa caminhando bem. Na prática, espera-se que a senhora Dutra, que aos 70 anos apresenta fortes sinais de desgaste, consiga se recuperar, com vigor, nas próximas três décadas. ■



ARTIGO

MAIS POBRES FINANCIAM APOSENTADORIA

João Badari

Advogado especialista em Direito Previdenciário e sócio do escritório Aith, Badari e Luchin Advogados

A obrigatoriedade de uma idade mínima de 65 anos para a aposentadoria de homens e de 62 para mulheres, imposta pela Reforma da Previdência, que completará dois anos no próximo dia 13 de novembro, fará com que um grande número de pessoas, notadamente as mais pobres, contribuam com o financiamento de um sistema ao qual não terão acesso.

A população de periferias urbanas ou das zonas rurais precisa entrar no mercado de trabalho mais cedo, vivendo em situação mais precária, trazendo também uma diminuição em sua expectativa de vida, que gira em torno dos 60 anos. Portanto, boa parcela dos mais carentes não poderá usufruir da aposentadoria.

Por outro lado, moradores de

bairros nobres de grandes cidades, que têm melhores condições de renda, vivem cerca de 80 anos e contam com o benefício por mais tempo, com a contribuição dos mais necessitados.

Tal conclusão fica mais clara na edição de 2021 do Mapa da Desigualdade, divulgado no último dia 21 de outubro pela Rede Nossa São Paulo. O levantamento anual traz indicadores de meio ambiente, mobilidade, direitos humanos, habitação, saúde, educação, cultura, esporte, trabalho, renda e infraestrutura.

O tempo mínimo de contribuição para os homens subiu de 15 para 20 anos, e como a população mais pobre possui maior dificuldade em conseguir empregos registrados, também sofrerá mais para atingir o mínimo de 20 anos os homens que ingressaram no sistema após a vigência da reforma, outro fator que dificulta o acesso à Previdência.

A discussão à readaptação precisa começar, para evitar que o sistema previdenciário seja mais um motor de desigualdades. ■

IMAGEM DA SEMANA



CPI. Senadores durante a votação do relatório, que pede o indiciamento de 81 pessoas, incluindo o presidente Jair Bolsonaro

Marcelo Camargo/Agência Brasil

CARTAS

Redação

redacao@ovale.com.br

MEIO AMBIENTE

Enquanto o mundo ainda conta seus milhões de mortos provocados pela covid-19, na semana para o início da COP 26, do Clima, que será sediada na Escócia, o renomado jornalista e Editor do Jornal Britânico Financial Times, Martin Wolf, num grande artigo publicado em 20 de outubro, citando que a CoP 26 pode ser a última chance de colocar a humanidade no caminho de zerar as emissões dos gases do efeito estufa, que tem a ação humana, as empresas geradoras e poluidoras prometem reduzir, a partir de 2030, os governantes em 2050, se ainda existir

vida aqui na Terra. Caiu como uma Bomba a notícia vinda da China, em plenas crises que vive o mundo, a Era da Escassez, no meio das enormes tragédias do mundo, como a crise sanitária, desigualdades sociais, escassez hídrica da água para os humanos, escassez de energia para as empresas, degradação dos biomas no Cerrado, Pantanal e Floresta Amazônica no Brasil. A China, no dia 21 de outubro, anuncia que eliminará as restrições a produção de Carvão em sua Matriz Energética e manda suas minas a operarem com capacidade total, já que o inverno se aproxima no Hemisfério Norte.

Logo em seguida, a Índia também se junta à grande potência dizendo que poderá chegar a 50% de sua Matriz Energética do Carvão Vegetal, que seu povo se prepara para o rigoroso inverno que se aproxima. Cai por terra, todos os esforços da ONU, que não consegue convencer os donos do mundo e maiores poluidores que não teremos uma segunda chance, nem um Planeta B. Esse é o mundo hoje que segue com sua Nau dos Insensatos e a Marcha da insensatez, contra a Natureza e a Vida. Com tristeza pelas Gerações Futuras e a Biodiversidade.

José Pedro Naisser

Curitiba-PR

RECESSÃO

Só notícia ruim e desolação nesta era Bolsonaro! Como desta projeção divulgada por analistas do Banco Itaú, que em 2022, teremos recessão econômica e mais desemprego, ou seja, um PIB (Produto Interno Bruto) negativo de 0,5%! Nas projeções anteriores de especialistas de mercado já se falava em crescimento econômico abaixo de 1%. Mas, como esse desgoverno só produz crises e toma decisões absurdas, cada dia mais afugenta investidores. Na última tacada



As opiniões emitidas pelos colunistas e leitores, são de responsabilidade deles próprios, e não traduzem o posicionamento do OVALE. As cartas devem conter identificação, telefone e endereço. As cartas poderão ser resumidas pela redação.